

## **Gravuras rupestres da Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca**

*The rock engravings of Chã da Rapada, Britelo, Ponte da Barca*

Ana M. S. Bettencourt

Department of History of the University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga,  
Portugal; Transdisciplinary Research Centre Culture, Space and Memory – CITCEM.

E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

**Tipo de Sítio / Site:** Arte rupestre / Rock art.

**Cronologia / Chronology:** Pré-história Recente; Proto-história; Época Histórica / Late Prehistory; Protohistory; Historic Era.

**Localização administrativa / Administrative Location:** Britelo, Ponte da Barca, Viana do Castelo.

**Coordenadas geográficas (ponte central) / Geographic coordinates (central point):** 41° 50' 04,272" N; 08° 16' 53,548" W **Altitude média / Medium altitude:** 300 m (Fig. 1).

**Acessos/Access:** seguir pela Estrada Nacional 203 (de Ponte da Barca ao Lindoso) até à Igreja Paroquial da freguesia do Britelo. Aí, passar por detrás da igreja e seguir em direção a uma das últimas casas do lugar, localizada nas imediações de um poste de alta tensão. Deixar o carro e efetuar o resto do percurso a pé, tomando o caminho que vai para o alto da serra. A cerca de 350 m da referida casa, na zona onde o caminho faz uma curva acentuada, atinge-se a Chã da Rapada, uma área aplanada onde se concentram diversos afloramentos graníticos / Follow the National Road 203 (from Ponte da Barca to Lindoso) until the Parish Church of Britelo Parish. Pass behind the church and follow the direction towards one of the last houses of this place, located in the vicinity of a high-tension pole. Leave the car there and walk the rest of the way, taking the path that will lead you to the top of the mountain. About 350 m from the already mentioned house, on the area where the path takes an accentuated turn, we get to Chã da Rapada, a plain where granite outcrops are concentrated at various quotas and some of them are engraved. Nowadays, at this place, there is a sign post entitled: *Marcas do Tempo: Gravuras rupestres de Chã da Rapada; Marks of Time: the rock engravings of Chã da Rapada*, in Portuguese and in English, where it shows the survey made to the engravings of one of the existent rocks.

A Chã da Rapada localiza-se no interior do Parque Natural da Peneda-Gerês, numa plataforma da vertente noroeste da Serra Amarela, na margem esquerda do rio Lima em local de passagem entre as terras de vale e os patamares mais altas da serra, povoados de monumentos megalíticos (Fig. 2). Trata-se de uma área com abundantes afloramentos graníticos de grão grosseiro a médio, orientados de noroeste para sudeste, delimitada a norte e a sul por linhas de água que correm diretamente para o Lima. Do núcleo de gravuras a visibilidade é fechada para norte e sul, onde se avistam as vertentes da serra do Soajo, onde são nítidos os montes do Gião, e a serra Amarela. Para este e oeste o olhar estende-se para o vale encaixado do Lima, sendo a amplitude visual significativa para poente onde, no horizonte, se recorta o Monte do Castelo de Aboim da Nóbrega, Vila Verde, um impressionante domo granítico.

O primeiro trabalho de inventariação deste local foi realizado por A.M. Baptista (1986a) que aí distinguiu 2 núcleos estilísticos, entre diversos afloramentos gravados. Em 2006, A. Martins inventaria 12 penedos gravados e efetua o levantamento dos n.ºs 4, 5 e 6<sup>A</sup> - os de iconografia mais

diversificada e localizados no que considera o centro do lugar. Observa que estes afloramentos, de dimensões consideráveis, se situam a uma cota que os torna bem perceptíveis para quem chega ao lugar pelo caminho tradicional. Os gravados apenas com cruciformes, são de morfologia mais irregular e distribuem-se nas imediações do caminho que atravessa a Chã da Rapada (Martins 2006).

Em 2011 novos trabalhos no local inventariam 15 afloramentos gravados e renumeram os previamente publicados (Alves 2012). Neste âmbito, o afloramento 6<sup>A</sup> de A. Martins (2006) passa a afloramento 3, sendo totalmente estudado, e é designado um afloramento 4 diferente do já registado com esse número por A. Martins (2006).

A Chã de Rapada 4 de A. Martins (2006) corresponde a um afloramento horizontalizado com 1,80 m de comprimento por 1,48 m de largura, onde foi gravado uma linha sinuosa terminando num pequeno círculo, sensivelmente no meio do espaço operativo. A Martins (2006) interpretou-a como sendo a representação de um serpentiforme (Fig. 3).

A Chã de Rapada 5 ou 1 de Alves (2012) é um afloramento horizontalizado com 2,90 m de comprimento por 1,30 m de largura máxima, composto por 69 motivos (Martins 2006) maioritariamente esquemáticos. Quanto a nós, estes distribuem-se, intencionalmente, em redor de uma espiral assim como pelo centro da rocha, de cada um dos lados da grande diaclase que a atravessa (Fig. 4).

No grupo dos esquemáticos sobressaem os cruciformes simples, alguns deles de base circular. Um deles encontra-se no interior de um retângulo e outro no centro de um triângulo irregular (antropomorfos?). Ocorrem, ainda, antropomorfos de diversas tipologias: com pernas delimitadas por dois traços oblíquos ou ligeiramente arqueados, um em *fi* e outro ictifálico.

No grupo das composições circulares destacamos uma espiral no interior de um círculo, e um motivo reticulado (Fig. 5a e 5b).

Finalmente destacam-se dois motivos quadrangulares que, embora distintos entre si, foram interpretados como “*geométricos de cronologia proto-histórica ou (...) tabuleiros de jogos medievais*” (Martins 2006:66).

Na Chã de Rapada 6A (ou 3 de Alves 2012), com cerca de 2,50 m de comprimento por 1,20 m de largura máxima e nas imediações do anterior, A Martins (2006) apenas efetuou um decalque parcial das gravuras. O seu estudo total só ocorreu recentemente (Alves 2012). Os motivos referidos pela primeira autora, localizam-se na extremidade norte e na parte mais baixa do afloramento. Estes inscrevem-se maioritariamente no grupo dos esquemáticos, com diversos antropomórficos ictifálicos, alguns deles com a representação das mãos abertas e dos dedos. Há, ainda, um antropomorfo em *fi* e outro com os braços erguidos (orante?). Estes parecem associar-se a figuras quadradas e retangulares, segmentadas ou não, de diferentes dimensões, e a covinhas. Existem, também, cruciformes de difícil identificação e uma figura retangular, em baixo relevo, associada a um sulco pequeno, que foi identificada como paleta (Martins 2006; Alves 2012) (Fig. 6). O estudo da extremidade sul e mais elevada deste afloramento tornou possível visualizar um grupo de motivos diversificados que, em muitos casos, se sobrepõem uns aos outros. Aqui enfatizamos diversos cruciformes, covinhas, jogos, cruces de cinco pontas e um antropomorfo (Alves 2012).

Os diferentes motivos gravados nos afloramentos da Chã da Rapada fazem deste sítio um lugar paradigmático onde se associam composições circulares, vulgarmente inseridos na arte atlântica, e antropomorfos esquemáticos e reticulados, normalmente inseridos na denominada “arte esquemática”. Baseados nestes dois grupos estilísticos distintos quer A.M. Baptista (1986a) quer A. Martins (2006) consideram a existência de dois momentos cronológicos na Chã da Rapada. O grupo mais antigo, com motivos esquemáticos, circulares e um idoliforme, integrar-se-ia no Bronze Final e, o mais recente, materializado por cruciformes, em época Medieval ou Moderna

(Baptista 1986a, 1986b). Para a segunda autora, a primeira fase seria maioritariamente da Idade do Bronze, com possibilidade de extensão para a Idade do Ferro, tendo em conta a gravação de uma paleta e de um serpentiforme, enquanto a segunda, com cruciformes e tabuleiros de jogo, seria, também, Medieval ou Moderna.

Pessoalmente cremos numa biografia mais complexa para este lugar que supomos ter estado ativo, desde a Pré-História até momentos históricos, embora sujeito a recriações e reinterpretções que lhes adicionaram ou alteraram sentidos.

Num primeiro momento, provavelmente ainda no Neolítico Médio/Final, este local, nas proximidades e no caminho natural de acesso à necrópole megalítica do Britelo, grupo de Chã de Cabanos, terá visto a sua importância simbólica materializada por motivos reticulados, existentes na “arte megalítica” do Norte de Portugal como, por exemplo, na Mamoa de Leira das Mamas, em Braga (Bettencourt, neste vol.). É possível, ainda, que diversos antropomórficos tenham sido gravados durante esse período dado a forma como se organizam em volta dos motivos reticulados no afloramento 6, numa composição aparentemente coesa. Também não excluimos a hipótese de que a espiral possa recuar a um período antigo pois, além de ocorrer na gramática decorativa da arte dos monumentos megalíticos, associa-se a um reticulado no afloramento 5 ou 1. De salientar, ainda, que a linha sinuosa com extremidade circular, gravada no afloramento 4 da Chã da Rapada, encontra paralelos nos motivos do esteio nº 6 do dólmen do Alto da Portela do Pau 2, em Castro Laboreiro estudado por A.M. Baptista (1997).

Sem que possamos identificar iconograficamente a frequência deste lugar, durante o Calcolítico e a Idade do Bronze, é possível que esta tivesse ocorrido, tendo em conta a necessidade de adicionar ou alterar sentidos aos previamente existentes, durante a Idade do Ferro, como se constata pela gravação de uma paleta no afloramento 6.

Do mesmo modo se poderá entender a cristianização do lugar, através da gravação de cruciformes simples e de uma estrela de Salomão, visíveis no afloramento 3/6A - uma reinvenção de sentidos apenas necessária se este ainda fosse significativo para as populações que o partilhavam, numa cosmogonia diversa daquela que a igreja pretendia impor. L.B. Alves (2012) também defende uma longa cronologia para este lugar.

Chã da Rapada is located in the Natural Park of Peneda-Gerês, in the northwestern slope of the mountain Amarela, on the left bank of river Lima in the place of passage between the valley lands and the highest levels of the mountain, occupied with megalithic complexes (Fig. 2). It is an area with an abundance of granite outcrops of mid to coarse grain, oriented NW/SE direction, outlined on the North and South sides by water lines that run directly to river Lima. From the nucleus of engravings the visibility is closed towards the North and South, where the slopes of the mountain of Soajo can be admired as well as the mountains of Gião and Amarela. To the East and West the view extends to the embedded valley of Lima, with significant visual range to the West, where Monte do Castelo de Aboim da Nóbrega, Vila Verde, an impressive granite dome, is silhouetted in the horizon.

The first inventory work of this place was performed by A.M. Baptista (1986a) in which 2 stylistic nuclei were distinguished, amongst different engraved outcrops. In 2006, A. Martins inventoried 12 engraved outcrops and surveyed the engravings of 4, 5 and 6A – containing the most diverse iconography and located on what is considered the centre of the place. The author observed that these outcrops, of considerable dimensions, are quite perceptible to whom enters this place from the traditional path.

The engraved boulders bearing only cruciforms have a more irregular morphology and are distributed in the vicinities of the path that crosses Chã da Rapada (Martins 2006).

In 2011 new works at the site led to the inventory of 15 engraved outcrops, and renumbering of rocks previously published; so outcrop 6A from A. Martins (2006) was surveyed entirely, becoming outcrop 3, and a new outcrop 4 was designated, although different from the already mentioned with this numeration by A. Martins (2006).

Chã da Rapada 4 from A. Martins (2006) corresponds to a horizontal outcrop with 1.80 m length by 1.48 m width, where it was engraved a sinuous line ending in a small circle approximately in the centre of the operating space. A. Martins (2006) interpreted it as a representation of a serpentine (Fig. 3).

Chã da Rapada 5 (or 1 from Alves 2012) corresponds to a horizontal outcrop with 2.90 m length by 1.30 m maximum width, composed by 69 motifs (Martins 2006), majorly schematic. We think that they are distributed intentionally, surrounding a complex circular figure, as well as the centre of the rock, on each side of a large diaclasis that crosses it (Fig. 4).

In the schematic group, simple cruciforms, some of them with a circular base, stand out. One of them is found in the interior of a rectangle and the other in the centre of an irregular triangle (anthropomorphs?). Also, anthropomorphs of diverse typology can be found: with legs delineated by two oblique lines or slightly arched, one in *fi* shape and another ithyphallic.

In the group of circular compositions, we highlight a spiral in the interior of a circle and a grid motif (Fig. 5a and 5b).

Finally, we emphasise two quadrangular motifs that, although distinctive among themselves, interpreted as “*geometric of proto-historic chronology or (...) medieval board games*” (Martins 2006: 66).

In Chã da Rapada 6<sup>A</sup> (or 3 from Alves 2012), with about 2.50 m length by 1.20 m maximum width, in the vicinity of the former, Martins (2006) only made a partial decal of the engravings; a complete study was only recently completed (Alves 2012). The motifs mentioned by the first author are located in the North extremity and on the lower part of the outcrop. They fall mostly in the schematic group, with several ithyphallic anthropomorphs, some of them with the representation of open hand palms and fingers. There is also a *fi* anthropomorph and another with its arms stretched upwards (prayer?). These seem to be associated to segmented, or not, squared and rectangular figures of different dimensions and to cup-marks. There are also cruciforms of difficult identification and a rectangular figure in low relief associated to a groove identified as a pallet (Martins 2006; Alves 2012) (Fig. 6). The later study of the most elevated outcrop in the south extremity made it possible to visualise a set of diversified motifs that, in many cases, overlay each other. There, it is mainly emphasised diverse cruciforms, cup-marks, board games, five-pointed crosses and one anthropomorph (Alves 2012).

The different motifs engraved on the outcrops of Chã da Rapada make this place a paradigmatic one, where circular compositions, commonly inserted in Atlantic rock art, are associated with schematic and anthropomorphs and grids, commonly inserted in “Schematic rock art”.

Based on these two distinct stylistic groups, A.M. Baptista (1986a) and A. Martins (2006) both consider the existence of two chronological moments at Chã da Rapada. The older group, with schematic and circular motifs and one idoliform motif, would be integrated in the Late Bronze Age, and the most recent engraving materialised as a cruciform would date from the Medieval or Modern periods (Baptista 1986a, 1986b). For the second author, the first phase would majorly date from the Bronze Age, with a possible extension to the Iron Age, taking into account the engravings of a pallet and a serpentine, whilst the second, with cruciforms and board games, would also be from Medieval or Modern.

Personally, we believe in a more complex biography for this place, which we presume to have been active, since Prehistory until historic moments, albeit subjected to recreations and reinterpretations that added or altered their meanings.

At a first instance, probably still in Middle/Late Neolithic, this place, in the vicinity and on the nature trail of access to the megalithic necropolis of Britelo, group of Chã de Cabanos, would have seen its symbolic importance materialised in reticulate motifs, existing in the “Megalithic art” of the North of Portugal as, for example, Mamoa de Leira das Mamas, in Braga (Bettencourt, in this vol.). It is still possible that several anthropomorphs were engraved during this period, given the way that they are organised around reticulate motifs in outcrop 6 in an apparent cohesive composition. Also, we do not exclude the hypothesis that the spiral could go back into an older period since it is associated with a grid in outcrop 5, besides occurring in the decorative grammar of megalithic monuments. We also highlight the sinuous line with a circular extremity, engraved in outcrop 4 of Chã da Rapada, where parallel motifs were found in orthostat No. 6 of the dolmen of Alto da Portela do Pau 2, in Castro Laboreiro, studied by A.M. Baptista (1997).

Without being able to ichnographically identify the frequency of this place, during the Chalcolithic and Bronze Age, it is possible that this had occurred during the Iron Age, taking into account the necessity to add or alter the previously existing meanings, as shown in the engraving of a pallet in outcrop 6.

In the same way, we can understand the Christianisation of the place through the engravings of simple cruciforms and a Salomon star, well visible in outcrop 3/6A – a reinvention of meanings only necessary if this was still significant to the populations that shared them, in a different cosmogony from that which the church intended to impose. A supporter of a long chronology of the place is also Alves (2012).

#### ACKNOWLEDGMENT:

This work was developed in the scope of the project *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados* – ENARDAS / Natural spaces, architecture, rock art and depositions from the Late Prehistory of the Western front of Central and Northern Portugal: from actions to meanings (reference PTDC/HIS-ARQ/112983/2009) financed by the Operational Programme “Thematic Factors of Competitiveness” (COMPETE) and by the European Regional Development Fund (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional - FEDER).

#### MAIN BIBLIOGRAPHIC REFERENCES:

- ALVES, L.B. 2012. *Génio e talento do passado - A arte gravada do Penedo do Encanto e da Chã da Rapada*. Viseu: ADERE-PG Associação de Desenvolvimento/Arqueohoje, Lda.
- BAPTISTA, A.M. 1986a. Adenda à notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1- D (Arcos de Valdevez) -Arqueologia. *Terra de Val de Vez* 9: 97-116.
- BAPTISTA, A.M. 1986b. Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Alfa: 31-55.
- Baptista, A.M. 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza). *Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítica* [Brigantium 10]. A Coruña: Museu Arqueológico e Histórico Castelo de San Antón, 191-216.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste Peninsular: a Chã da Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (1): 47-70.





**FIG. 1** – Localização da Chã da Rapada na Carta Militar de Portugal, esc. 1: 25 000.

**FIG. 1** – Location of Chã da Rapada in the Military Chart of Portugal, scale: 1:25,000.



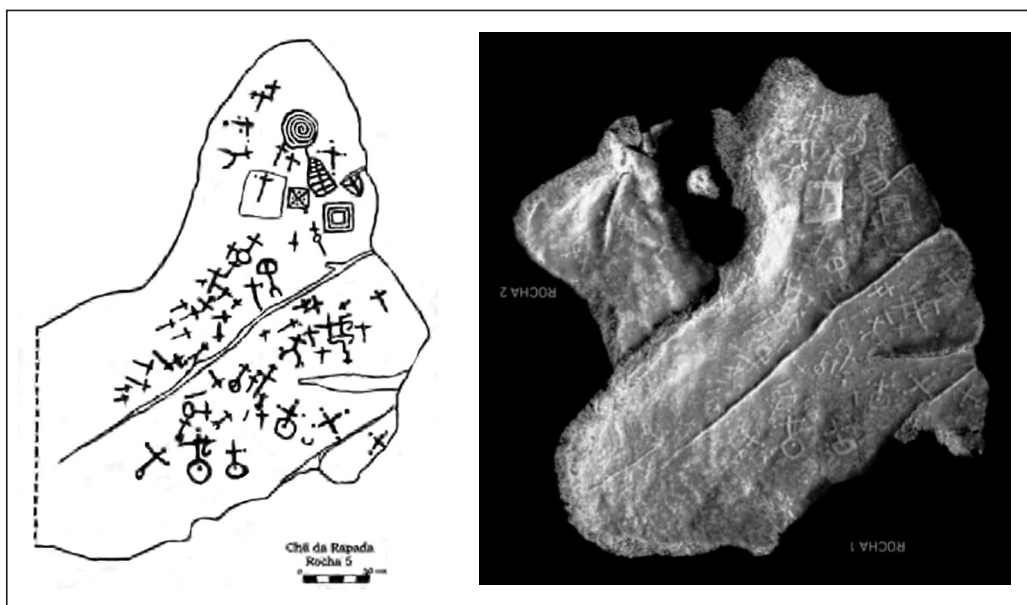
**FIG. 2** – Localização da Chã da Rapada no trilho do Megalitismo de Britelo (seg. sudandobotas.blogspot.com).

**FIG. 2** – Location of Chã da Rapada in the megalithic path of Britelo (cf. sudandobotas.blogspot.com).



**FIG. 3** – Decalque da rocha nº 4 (seg. Martins 2006).

**FIG. 3** – Tracing of rock No. 4 (cf. Martins 2006).



**FIG. 4** – Decalque e registo gráfico da rocha nº 5 ou nº 1 (seg. Martins 2006 e Alves 2012, repetivamente).

**FIG. 4** – Tracing and graphic recording of rock No. 5 or No. 1 (cf. Martins 2006 and Alves 2012, respectively).



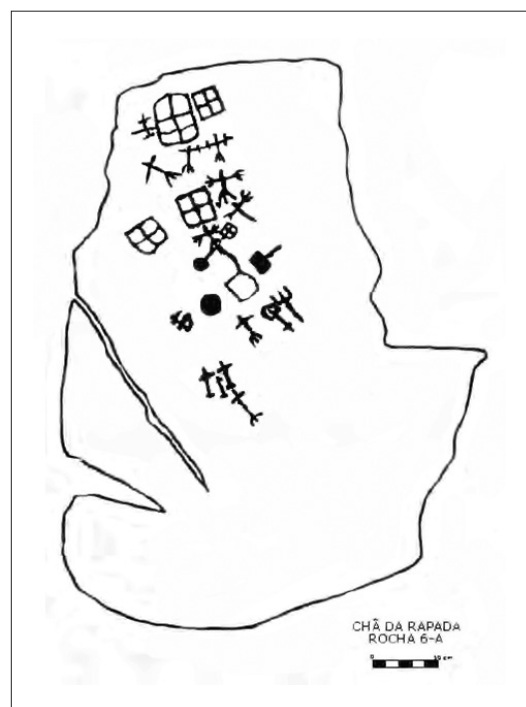
**FIG. 5a** – Vista parcial da rocha nº 5.

**FIG. 5a** – Partial view of rock No. 5.



**FIG. 5b** – Registo gráfico de parte da rocha nº 5 de Martins (2006) e nº 1 de Alves 2012 (seg. Alves 2012).

**FIG. 5b.** Graphic recording of the rock No. 5 after Martins (2006) and No. 1 after Alves (cf. Alves 2012).



**FIG. 6** – Decalque da rocha nº 6a (seg. Martins 2006).

**FIG. 6** – Tracing of rock No. 6a (cf. Martins 2006).